

Bando Escolástico



Recitado em 5 de Dezembro de 1935

pelo quintanista

Helder Raúl de Lemos Rocha



Recordar é viver! E' ter na própria mão,
já frio, inda a sentir, um morto coração!
E' adorar a luz que a sombra entenebrece!
E' a alma, na agonia, ajoelhada em prece!
Recordar é viver! Pois bem: a Mocidade
Vem hoje a recordar da Velha-Antiguidade,
Embora de fugida, apenas num segundo,
As Festas da alegria e do sentir profundo
Que neste burgo amado, ingentes, ecoaram
E a grei, de lés a lés, num sonho deslumbraram...

Da imensidão do céu, altivos de soberba,
Dominam Guimarães os olhos de Minerva
E fulgem, num clarão, às gerações-cretinas,
A sempiterna luz das Festas Nicolinas!

Ah! não! não morrerão as Festas deslumbrantes
Da mocidade em flor enquanto houver 'studantes
Que vivam da beleza! Enquanto houver Poetas
Que cantem, com ternura, as nossas Capas Pretas!
Não morrerão jámais as Festas que o Pinheiro
Bem alto as anuncia, ao burgo, num terreiro!
Não morrerão jámais as Posses folgazãs,
O Magusto, o Pregão, a Entrega das Maças
Na ponta duma lança às Damas tam formosas!
E não, não morrerão as Dansas graciosas!

Somos a mocidade e a Mocidade é a vida
Que estua em vibrações de sol fecundador!
Deixa beijar-te o sol, ó nossa Festa q'rida,
Serás eterna, assim, e viverás de amor!...

Um minuto vos peço, agora, de sossêgo!
Almas, ajoelhai! Silêncio! E' o apêgo.
Da reza, com fervor, por tantos que morreram,
Por todos que esta Festa, em vida, estremeceram!
Fecho os meus olhos, vejo, e tudo vejo exacto!
Na funda escuridão três rostos doloridos:
— Padre Caldas, Sargento e o bom Domingos Rato! —
Em volta, quantos mais! de mortos conhecidos!
Almas, ajoelhai! Silêncio! A prece os há-de,
A todos, suavizar da enorme saudade
De não poderem mais, mais uma vez ainda,
Compartilhar da Festa, a mais saudável e linda!

O' terra, ó nossa Mãe! Um ósculo de amor
Grande, cheio de luz, de extraordinários brilhos,
Recebe-o, é para ti, é um beijo de calor,
Que só às Mães os dão os lábios de seus filhos!

A Penha! a nossa Penha! A alma fica a olhá-la
Com seu olhar de alvura, olhar que fundo sente,
Que sentimos, no peito, a ânsia de abraçá-la
E trazê-la abraçada ao coração da gente!

Sabei que inda vigora o Estatuto velho,
Que veda a qualquer um meter nariz, bedelho,
Seja êle tamanqueiro ou seja surrador,
Caixeiro de setins ou seja mercador,
Na Festa a Nicolau... O Estatuto o diz:
«O que abusar irá, de tombo, ao chafariz!...»

Saiamos com audácia, a golpes de montante,
A batalhar, em campo, o monstro vil, gigante
Ciclópico, fatal, de tremebunda pata,
Que aos quatro ventos troa o chamadoiro Empata!...
Depois de êle vencido, inerte, esartejado,
De todo aquele cêbo à cova ter baixado,
Abatamos ao chão a espada da vingança,
Olhemos em redor, num golpe de esperança,
E veremos, ah! sim, o ressurgir da Terra
Em vagalhões de luz! E a luz que a vida encerra,
Há-de, por fim, beijá-la, em ânsias ardorosas,
P'ra que os tojais do mal se tornem logo em rosas!

Os Paços do Conselho erguer-se-ão ufanos
E nunca, nunca mais, albergarão elganos!...
Dir-se-á aos vilões ruínas, de ideias apoucadas,
Que aquilo que ali está, com fumos do passado,
Não se chama o Castelo, altivo dos Almadas,
Mas o castelo, sim, dum pobre desalmado!...
Erguer-se-á um teatro autêntico, de lei,
Que o nome possa ter do nosso amado Rei,
E não seja preciso — ó praga horrenda, ó praga!...
O povo recorrer ali... a Fafe ou... Braga!...
Tratar-se-á de pôr o Largo S. Francisco,
Exposição, há muito, em ervas ruins e cisco,
Num largo bem decente, airoso, ajardinado,
Que se imponha ao lugar onde há um templo sagrado!...
Dar-se-ão jorros de luz às duas Avenidas
Em treva, há muito já, contritas, recolhidas!...
Dir-se-á ao povo ignaro: aquilo não tem rabo
Embora chifres tenha, assim, na realidade...
Aquilo que ali se ergue não é nem foi diabel...
Das campinas em flor é Pan, é divindade!...
Far-se-á que a Estação, fronteira ao Cavalinho,
Pela madrastra seja olhada com carinho,
E depois de vestida, e limpa toda ela,
Possa tratar por-mana a sêcia de Vizela!
Far-se-á com que o Comércio e Indústria, de mãos dadas,
Venham da sua inérola ao fogo Actividade
E salbam reviver as chamas apagadas
Da Marcha Milanesa e Festas da Cidade!...

Aos sujos matulões, de falas crapulosas,
Impôr-se-ão as leis severas, rigorosas,
Forçando-os a saber o que é Educação
A beijos de chanfallo e mimos de prisão!...
Num tour de force ir-se-á, embora cortezmente,
Tê junto do Bom-Senso, a ver se, novamente,
Voltam a nós, em breve, ou inda se demoram,
Os anos do Liceu que há anos se nos foram!...
Ver-se-á inda o maior e belo ajuntamento
Fremendo de ovações e palmas a granel:
— Na vanguarda os clarins, guiando o Regimento
De Infantaria 20, a entrar no seu Quartel!...
Dar-se-ão à Avenida as pilulas finais
Que do Proposto a cure ao fundo dos Pombais!...
Impor-se-á decência às ruas da cidade!...
Que cada um que tenha a sua necessidade
A guarde p'ra lugar mais próprio... na casinha!...
Aqueles que a cantar pregoam a vivinha,
O façam no Mercado, ali, à boca cheia,
Que a Praça nunca foi em frente à Assembleia!...
Vedar-se-á, também, que a Praça do Mercado
De cordão sirva a trapo ensaboad!...
Saldar-se-ão, alfim, as dividas morais
Há anos por saldar: dois altos pedestais
De mármore brunido, ao sol resplandecente,
— Mortos da Guerra, em um! Em outro, Gil Vicente!

Nem tudo é joio, não, há trigo e do melhor:
Saúdemos, bem da alma, o nobre Vereador
Que quer tirar do ventre enorme da montanha
A água que nos falta, e que há-de ser tamanha,
Que a um incêndio, igual àquele dos Patheiros,
O extinguirão, de pronto, as bombas dos bombeiros!...

Os nossos parabéns aos lfidimos fiscais
Que aqui, onde correu a fraude à rebatinha,
Fizeram com que o pão — ó vós que o amassais! —
Não seja de serrim, mas seja de farinha!...

Escutai, escutai: é grand-gnignol do são!...
Quem está aí, quem é?...
Tenho medo de mim!... O medo, na Quintão,
Compra-se a dez testões,
Sem medo de papões!...
Haja calma, Jé, Jé!...

Agora, coisa grande: ali, no Oriental,
Com mossa ao ocidente, aos sábios e... sabões,
Nós temos, afinal,
Da grande Sociedade os sábios das Nações!...

Correm zuns-zuns, p'ra aí, duns velhos e meninos,
(O vício não se extingue!...)
Que aos regalos se dão, regalos superfinos,
No Club Ping-King!...

Ó grisettes gentis, marotas, que vos ralho!...
Pois não fazeis serão?!... Adeus, horas felizes!...
E' lei! e nessa lei das oito de trabalho
Há uns senhor's fiscais que afilam os narizes!...

Tricaninhas, porque é, ó frescas tricaninhas,
Que calçais, de Viana, as lindas chinelinhas,
E não traçais no peito um lenço de cambraia?!...
Porque é que não vestis, de crepe, aquela saia
Com barras de veludo e ramalhudos folhos,
Que faziam bailar, na roda, os nossos olhos?!...
Tudo se foi, fugiu!... A moda é uma gazela!...
Quem foi que vos furtou o gosto, a bizarría,
O requiebro da anca, o tic, a harmonia?!
Ora, quem foi!... Foi ela!...
Quem foi que esfarrapou, à vossa teia, a ourela?!...
Foi ela, só, foi ela!...

Se foram da serpente os olhos coruscantes
Que obrigaram Mãe Eva o Pomo do Pecado
A dar ao Pai Adão, com modos fascinantes,
Embora êle ficasse assim... como engasgado...
Nossos olhos serão os olhos de serpentes,
Que as lanças levarão, erguidas, rendilhadas,
A dar-vos as maçãs, vermelhas, reluzentes,
P'ra que por nós fiquéis, Senhoras, entaladas...
Senhoras, um sorriso! apenas um sorriso,
Que nós queremos ver na terra o Paraíso!...

Eh! lá, rapaziada!... Então, isso que é?!...
Pois vós sois, de verdade, extáticos, de pé
Como espectros de gelo, e mudos como tumbas?
Vamos!... E' aprontar, com garbo, êsses zabumbas,
Vossas caixas de rufo, à cinta, e alambores!...
Um ribombo infernal troveje em mil furores,
Que, num assombro, deixe, estarecidos, cegos,
Mussolini na Itália e na Etiópia o Négus!...

Dezembro de 1935.

Delfim de Guimarães.